

Estilo de vida saudável: a quem interessa?

Dr. Aguinaldo Gonçalves, Professor Titular de Saúde Coletiva e Atividade Física, FEF/Unicamp

Já há bom tempo a Saúde Pública admite o círculo vicioso da pobreza e da doença e autores contemporâneos vêm-lhe contrapondo o círculo virtuoso da saúde e da riqueza. O que estas duas faces do mesmo modelo querem mostrar é que investimentos em Saúde contribuem diretamente para a prosperidade das nações, assim como o inverso desta afirmação, isto é, que países desenvolvidos têm povos mais saudáveis. Os fatos, no entanto, não se conformam totalmente à clareza demasiado aparente desse truísmo. A Atividade Física (AF) parece realidade social a ser considerada a respeito.

Com efeito, muitas são as condições mórbidas amplamente reconhecidas como associadas ou decorrentes à hipocinesia e ao imobilismo. Para se mencionar o mínimo, nesse interior se destacam as doenças crônico-degenerativas, seja as cardiovasculares, como o infarto do miocárdio e a hipertensão arterial, seja as metabólicas, como as deslipidemias e o diabetes. De sua parte, a frequência de tais afecções e a complexidade das respectivas medidas terapêuticas tornam-lhe o manejo extremamente oneroso, por implicar em consumo densamente difuso de procedimentos, tecnologias e insumos. A efetivação de seu controle contempla, assim, a satisfação dos interesses de grupos econômicos numerosos, poderosos e atuantes.

Ora, políticas públicas vigorosas, fulcradas na democratização da AF, cientificamente estruturada e profissionalmente aplicada, contrariam frontalmente esse desequilíbrio tão equilibradamente construído! Seria algo tão devastador para os comércios específicos (por exemplo, das academias, esteiras, uniformes, calçados, etc) como, jocosa e provocativamente, já foi dito em relação à sobrevivência da área odontológica frente à possível utilização massiva da vacina contra a cárie dental, a doença mais prevalente no Brasil hoje, por atingir mais de 90% da população.

Em outros termos, o que se indaga é a quem interessa a manutenção da ética do combate ao sedentarismo baseado no estilo de vida saudável, imputado como responsabilidade individual das pessoas. O empenho no sucesso de iniciativas transitórias como o “Dia do mexa-se”, dependentes do trabalho não profissional mas voluntário, como o “Agita Galáxia”, enfim, com os diferentes matizes do campanhismo aí existente, portanto, contribui diretamente, para que continuemos a ter, no interior do setor Saúde, a AF como algo distante dos serviços permanentes, acessíveis e disponíveis quando, onde e como necessários ao cidadão. Significa, portanto, afrontar o próprio Sistema Único de Saúde do país, que inclui o profissional da Educação Física na Equipe Básica de Saúde e sustenta sua inserção nos Núcleos de Apoio ao Programa de Saúde da Família, responsável pela assistência à quase integralidade dos municípios brasileiros e a mais de cem milhões de pessoas.